Discurso de posse de Francisco Ésio de Souza como sócio efetivo do Instituto do Ceará, ocorrida em 25/07/2002

FRANCISCO ÉSIO DE SOUZA*

SENHOR PRESIDENTE, Senhores Componentes da mesa, Senhores Sócios efetivos, meus familiares, minhas Senhoras, meus Senhores,

Venho do meu sertão. Do meu sertão de Pitombeiras, ontem do Massapê, hoje do Senador Sá. Rejubila-me a entrada neste casarão e agradeço a todos aqueles que privilegiaram o meu ser com significativa e tamanha honraria. Cônscio da responsabilidade que pesa sobre meus ombros, não ouso aqui substituir o Mestre Francisco Alves de Andrade e Castro, na expressão maior da palavra, mas tão-somente ocupar por algum tempo sua erudita cadeira. Cadeira de onde ele pontificou com idéias e ação, durante longos 50 anos bem exercitados, de 30.3.51, data de sua posse, nesta Casa, até o dia 6 outubro de 2001, quando o homem biológico foi vencido pela marcha inexorável do tempo.

O ser biológico, este sim, foi tragado, mas o homem-idéia, não. Este transmudou-se para além do seu tempo... com as aulas que proferiu, com os conceitos que emitiu, com os exemplos que deu, com os livros que escreveu, enfim com tudo que o personificava.

Eu próprio, como seu ex-aluno da cadeira de Zootecnia do Curso de Engenharia Agronômica da Escola de Agronomia da Universidade Federal do Ceará, honro-me em ser um dos propagadores de alguns de seus postulados.

---

* Sócio Efetivo do Instituto do Ceará.

Mas, "O homem é o estilo". E o dele era bem peculiar. O ecúmeno era seu território. Sem deixar de privilegiar o espaço Nacional, apegava-se ao Regional e obstinava-se pelo Provincial.

Ele lutou para elevar o padrão de produtividade do campo, criar uma tecnologia autóctone, menos dependente do mundo temperado, com o objetivo de elevar o nível de bem-estar-social de seus concidadãos do meio rural.

Nisto alinho-me a ele, mas com uma diferença substancial: ele, gravitando na órbita dos grandes, como Júpiter, e eu, girando na esfera dos pequenos, como Mercúrio.

O sítio Recreio, em Mombaça, foi quem teve o privilégio de primeiro vê-lo, pois lá foi seu berço, em 21 de novembro de 1913.

Logo, logo, amalgamou-se mas não dobrou-se pela inclemência das temperaturas de altos e baixos que emanavam do movimento de alternância dos dias e noites, provindas dos afloramentos, pouco intemperizado, do cristalino ou dos solos "massapê" prenhes de montmorilonitas que compõem parte do suporte físico dos Inhamuns pastoril. Solos estes não raros ressequidos, quando não rachados, da vastidão dos campos de euforbiáceas, malváceas, leguminosas dos Inhamuns criadores, que, há milênios, aprenderam a respeitar as faveleiras, entre as famílias dos vegetais, e, depois com a corrente migratória do povoamento humano, a referenciarem, também, os Alves Andrade, os Caracas, os Feitosas, os Cavalcante Mota, os Nogueira Marques, dentre outras estirpes de famílias humanas dos Inhamuns cearenses.

Esta extraordinária eufórbia, a faveleira, lutando, na maioria das vezes, contra a insensibilidade do homem, que ainda arrasta resquícios dos conquistadores, felizmente pugna em se disseminar pelo impulso da deiscência de suas tricocas na busca desesperada de vicejar, de multiplicar-se e a continuar a vida. Um continuar de vida, não raro, camuflado como soldados de um exército aparentemente vencido pela carência de munição, visto pela ótica dos mais desavisados. Mas que, com o simples precipitar de um chuvisco, como um passe de mágica, volta a tornar-se um exército de intrépidos soldados verdes a defenderem os Inhamuns do ataque dos agentes formadores de desertos.

Quantas vezes o ruminar dos caprinos ou o alimentar-se de um simples roedor não corrigiram a ação anemófila dos ventos, pondo as sementes em nichos germinativos e a evitar que essas atônitas unidades da vida se estiolassem na superfície áspera dos minerais brutos dos rochedos pouco trabalhados pela natureza.

Senhor Presidente, Senhores Componentes da Mesa, Senhores Sócios Efetivos, Minhas Senhoras, Meus Senhores,

O professor Francisco Alves de Andrade e Castro, casou-se a 20 de novembro de 1943 com Dona Raimunda Negreiros de Andrade, professora e Inspetora do Ensino Normal da Secretaria de Educação do Ceará.

O casal teve os seguintes filhos: Raimundo Régis, Teresa Cristina, Pedro José, Paulo Alexandre, Maria de Lourdes, Fernando e Juvêncio que por certo darão continuidade a sua magnifica obra.

Mas, para falar do homem e, sobretudo, da obra de Francisco Alves de Andrade, não se esgota em efêmeros minutos que o protocolo do Instituto dispensa para o estreante. Mas, como destaque, ressalto:

Francisco Alves de Andrade e Castro, o homem.

Cursos Superiores:

- Engenheiro Agrônomo, formado pela Escola de Agronomia do Ceará, turma de 1932.
- Curso de Bacharel de Ciências Jurídicas e Sociais, da Faculdade de Direito do Ceará, turma de 1942.
- Curso de Filosofia no Seminário de Fortaleza de 1931 a 1932.

Títulos honoríficos:

- Professor Catedrático da Escola de Agronomia da Universidade Federal do Ceará
- Sócio Efetivo do Instituto do Nordeste.
- Sócio Efetivo da Sociedade Cearense de Geografia e História.
- Sócio Efetivo da Sociedade Cearense de Agronomia.
- Membro da Ordem dos Advogados do Brasil e do Conselho Regional de Engenharia, Arquitetura e Agronomia. Do Lions

Clube de Fortaleza-Centro, além, naturalmente, de pertencer ao Instituto Histórico do Ceará.

- Cargos e Funções Desempenhados:
- Engenheiro-Chefe de Zona de Departamento de Terras e Colonização da Secretaria da Agricultura do Ceará.
- Diretor da Diretoria de Produção Animal da Secretaria de Agricultura do Ceará.
- Secretário de Estado dos Negócios da Agricultura e Obras Públicas do Ceará - no período 16.12.1946 a 22.2.1947.
- Representante do Estado do Ceará junto ao Conselho Deliberativo da SUDENE – janeiro de 1963.
- Representante do Estado do Ceará junto ao Ministério das Relações Exteriores do Brasil junto à Conferência de Montevidéu, para tratar do Abono de Emergência - 20.12.64.
- Chefe da Inspetoria Regional do Fomento Agrícola do Ministério da Agricultura no Ceará - 23,03.62.

Francisco Alves de Andrade e Castro, a obra:

Livros Publicados:

- Agropecuária e Desenvolvimento do Nordeste – Ensaio de Política Objetiva em Zonas Semi-áridas.
- A Reforma Agrária do Polígono das Secas.
- Agronomia e Humanismo. Problemas de Política Econômica e Educacional Agrária.
- Renato Braga (In memoriam).

Estudos, teses, pesquisas, ensaios:

- Estudos de Zootecnia Regional. Zootecnia e Desenvolvimento do Nordeste, A Propriedade Rural do Polígono das Secas, entre outras obras de capital importância do desenvolvimento do Nordeste, especialmente do outro Nordeste.

Como se vê, minhas senhoras e meus senhores, rica é a safra da lavra do inesquecível professor Francisco Alves de Andrade e Castro. Se me fosse facultado o direito de apontar os nomes dos três maiores agrônomos nascidos no Ceará, eu não temeria cometer injustiças ao pôr no topo da lista o nome de Francisco Alves de Andrade e Castro.

SENHOR PRESIDENTE, minhas senhoras, meus senhores.

Venho dos Marques de Souza, da Meruoca, dos Carvalho, da Jijoca, e dos Lyra de Aguiar, do Massapê. Orgulho-me, sim, em me tornar o primeiro filho do pequenino município de Senador Sá a integrar o quadro de sócio efetivo da Casa de Barão de Studart.

Não vou me aventurar em viagens longas e distantes que se detenham no âmago das Idades Antiga, Média ou Moderna, mas, só de raspão abordo-as para concentrar-me na Idade Contemporânea, nos fatos que, na perspectiva temporal da história, podem, metaforicamente, ser considerados como crianças, isto é, aconteceram mais próximos de nós.

Os fatos que modulam a História, alguns são esperados, outros absolutamente imprevisíveis. Nações, regiões, instituições ou pessoas, mas todos têm sua história: épica como a de Ulisses, heróica como a de Sampaio, poética como a de Patativa do Assaré, trágica como a de Otelo, dignificantes como as dos solidários Osvaldo Cruz, Fleming, Gandhi e tantos outros, ou dos desprezíveis como as dos iníquos que me poupo em citá-los.

À época da Política Geral do II Império, escudada na macro da bi-polaridade geográfica do Norte-Sul, esticava-se o Norte desde a porção mais setentrional do Brasil até os confins do extremo sul da Bahia, de onde adentrava-se para a porção Sul do Império brasileiro.

Mas, a representação política maior, quer dizer, as influências e decisões da política econômica concentravam-se nas bancadas lideradas por Cotegipe, na Bahia, João Alfredo, em Pernambuco ou dos líderes expressivos do Grão-Pará, considerados espaços estratégicos.

Províncias outras, como as do Ceará e congêneres, ficavam à moda de Unidades satélites, a condicionar seus êxitos na capacidade de articulação ou amizades pessoais que, ao largo dos interesses complementares, tivessem seus líderes com outros líderes maiores, em estabelecerem pactos ou alianças e nunca a força da representação política da própria Província.

Assim agiu o Senador Pompeu, com sua sagacidade e competência, quando conquistou e nasceram obras como a encampação

e prolongamento de trechos de estradas de ferro de nossa terra do Brasil novecentista.

O Império foi-se e a República achegou-se. Mas os conceitos da Política Geral arrastaram-se de República Velha afora. A custar ceder espaço para o emergir de conceitos novos como da região Nordeste.

Agamenon Magalhães, na cidade do Recife, defendeu a tese de Docente para a cadeira de Geografia do Ginásio Pernambucano, pugnando pela fragmentação do Norte que o Império adotara e a República Velha insistia em mantê-lo.

O Nordeste brasileiro: habitat e gens, defendia Magalhães em sua tese.

Em 1925, o mestre Gilberto Freyre editara "O Livro do Nordeste", comemorando o centenário do "Diário de Pernambuco". É da lavra de Evaldo Cabral de Melo que colho tão significativa safra.

Enquanto isso, nós cearenses, debatíamo-nos com as secas e delimitávamos a linha poligonal que enclausurava o espaço circunscrito pela isoeita de 800 mm, em que atuava o IFOCS, depois DNOCS. Posteriormente Raul Prebich e Celso Furtado, no Chile, com o advento da Comissão Econômica para a América Latina – CEPAL, trabalhavam e desenvolviam as bases da teoria do Dualismo Econômico e Social, a defenderem o estruturalismo como forma de combater as desigualdades econômico-sociais das regiões e países de economia deprimida da América Latina.

Dessarte, o Nordeste não existia. Os esforços de Agamenon Magalhães e de Gilberto Freyre foram apenas ensaios de sua criação. Tanto foi assim que, em 1928, Tristão de Atayde, ao saudar o aparecimento de "A Bagaceira", de José Américo, que viria a inaugurar o chamado romance do Nordeste, ainda o fez, intitulando-o de Romancista do Norte.

Mas a década de 1940 foi pródiga em conquistas para nossa região. Em dezembro de 1945, reestruturou-se a Inspetoria de Obras Contra as Secas, transformando-se em Departamento Nacional de Obras Contra as Secas. Ainda em 1945, fora criada a Companhia Hidrelétrica do São Francisco; e, em, 1948, a Comissão do Vale do São Francisco. A década de 50 continuou fértil com a instituição,

em 1952, de um Banco oficial de caráter regional, já adotando a expressiva denominação de Banco do Nordeste do Brasil.

Como se viu, extraordinárias foram as conquistas da região. Mas o conceito *latu sensu* de Nordeste somente fora efetivamente consolidado com Furtado, que, ator e sujeito originário de uma das regiões mais deprimidas da América Latina, o Nordeste brasileiro, lançou o GTDN, nascendo o CODENO e depois a SUDENE, que, em 1959, passou a implementar "Uma Política de Desenvolvimento para o Nordeste".

Com a SUDENE, o conceito de Nordeste, agora já ampliado, fora imposto à elite que administrava a República.

E assim, o Polígono das Secas de Guimarães Duque, instituído pela Lei 175, de janeiro de 1936, que bem poderia ter sido chamado de polígono da fome, polígono da morte ou polígono das cruzes, juntou-se à parte dos cocais, do meio Norte, de Gonçalves Dias, buscou arrancho na "Casa Grande e Senzala" de Gilberto Freyre, temperou-se com o cravo e canela de Jorge Amado, que, por sua vez, se interligaram, no todo, aos Sertões euclidianos, para, então, voltar-se aos confins dos Gerais do "Grande Sertão: Veredas", de Guimarães Rosa.

A Lei nº 3.692, de 15 de dezembro de 1959 era sancionada. Nascia o Nordeste da SUDENE, com uma superfície superior a 1.560.000 km^2 e uma população de 45,9 milhões de habitantes, segundo dados do IBGE, de 1991.

Como se vê é um Nordeste bem mais econômico e social do que físico, o que veio a possibilitar que outro mineiro, o estadista Juscelino Kubitschek de Oliveira, reparasse os estragos que Artur Bernardes impôs à política Epitaciana de obras contra as secas.

Ergue-se a SUDENE com uma visão sistêmica, apoiada em dois robustos pilares: o Conselho Deliberativo, como instância política e a Secretaria Executiva, como o braço técnico. Aglutinaram-se as lideranças da região. Inaugurou-se então o início do ciclo do apogeu do despertar da consciência nacional para a questão regional.

A unidade da força política do Nordeste ganha dimensão na conquista de espaços na política nacional da República. Tempos áureos se sucederam...

O Nordeste cresceu mais do que o resto do país como um todo. As desigualdades regionais se arrefecem na perversa velocidade de cavar fossos socioeconômicos a criar brasis desiguais e injustos.

Mas, com o tempo, o planejamento esgarça-se e perde força como a seda vencida. Os recursos escasseiam e os organismos regionais padecem. O Banco do Nordeste do Brasil perde o vigor de outrora, o Departamento Nacional de Obras Contra as Secas caminha sem a altivez do passado e a SUDENE é morta. E, desgraçadamente, com ela morre também o regionalismo brasileiro. Ali, na Sudene, a voz do Nordeste era uníssona e tinha eco.

Entendo, pois, que as desigualdades regionais continuam, outrossim, tão gritantes que o Nordeste não pode dispensar a ação do pulso forte da mão disciplinadora da União. Mormente agora, com a economia globalizada, onde quem vence é o mais forte.

Senhor Presidente, minhas senhoras, meus senhores,

Tenho pena daqueles que, por interesse próprio ou sabedoria demais, e de outros que, por ignorância ou omissão, contribuíram para a sua extinção. Mas, a mão da História, essa severa e observadora senhora, um dia, mais cedo ou mais tarde, haverá de pegá-los. O sucumbir da SUDENE não significou, apenas, o cerrar das portas do esperançoso casarão do Engenho do Meio, na cidade do Recife, em Pernambuco, como muitos imaginam ser, mas o ruir de todo um ideário regional que foi sepultado. Com o desaparecimento da SUDENE, esmagaram e sufocaram o arcabouço institucional que dava sustentação política, técnica e econômica à exeqüibilidade dos planos regionais. Erros corrigem-se, punem-se...

Ao voltar-me, forçosamente, à época da política geral do II Império, quando as Províncias se engalfinhavam por obras junto à Corte, paro e faço uma reflexão. Não mudou muito a sistemática de ontem para a de hoje.

Na República, os Estados pugnam por busca de recursos junto ao Planalto para proverem o seu desenvolvimento. E hoje, mais do que ontem, quando valia a dotação da base de recursos naturais, a chave que abre a porta do progresso repousa no saber. No

saber filosófico; no saber humanista; no saber científico; no saber tecnológico, no saber... Mas, assim como ontem, quando o Nordeste ressentia-se de uma boa base de recursos naturais para alavancar aceleradas taxas de seu desenvolvimento, hoje, com o advento do novo paradigma da competitividade, imposto pela globalização, cá ficamos nós, novamente presos na carência do capital humano. O conhecimento transformou-se no elemento determinante do novo padrão mundial de produtividade. E não pensemos, nós, que dita discrepância circunscreve-se no âmbito do deprimido Nordeste, mas, ainda, desgraçadamente, no seio do próprio Brasil.

Enquanto os Estados Unidos da América do Norte contabilizam 800 mil cientistas trabalhando nos laboratórios de empresas privadas, fazendo pesquisas, e, 75.000 na Coréia do Sul, o Brasil não alcança a modesta cifra de 10 mil. É fácil imaginar o resultado: a Coréia do Sul registra 3.500 patentes por ano e o Brasil apenas 100.

Mas a grande diferença de tudo isso, nos ensina o Professor Milton Almeida dos Santos, repousa na forma do novo capitalismo - segundo ele: "*O dinheiro em estado puro é o centro do universo e não mais o homem. Isto é o novo capitalismo esse que está se instalando com enorme desenvoltura no mundo e no Brasil, em particular. Esse dinheiro em estado puro desconsidera o homem e o retira do centro do Universo. O território, esse campo de força, reflete esses conflitos, ele é uma arena onde a força de cada qual se exaure diante da força do mais forte.*"

O Estado do Ceará, nosso espaço principal no contexto das unidades territoriais brasileiras, desfruta de peculiaridades *sui generis* de sua base física. Com 92,5% de seu território contido na isoeita abaixo de 800 mm anuais, irregularmente distribuídos, dentro e entre anos, torna-se presa fácil dos humores dos céus.

E se as Instituições regionais se enfraqueceram ou desapareceram como a SUDENE, o que nos resta é fortalecer as Universidades; os Institutos Tecnológicos; de Planejamento, os Pactos de Cooperação com a Sociedade Civil, atuantes no Estado, para enfrentarem os problemas que se arrastam do passado, avolumam-se com os do presente e preocupam com os que vierem do futuro.

A fim de evitar que ações bem vingadas, mas mal instrumentalizadas como as que a SUDENE, de então, pretendia desenvolver na área de educação e capacitação para o Nordeste semi-árido, sob o título de "Replantando Raízes", fossem feitas em parceria com uma Universidade de São Paulo e não com as do Nordeste, discordei peremptoriamente de tal parceria.

Como capacitar e instrumentalizar os trabalhadores rurais, jovens e adultos, de baixa escolaridade, para que convivam permanentemente com a seca no semi-árido nordestino, através de uma Universidade das mais respeitáveis do país, é verdade, mas absolutamente alheia à realidade regional? Isto é uma tarefa para os órgãos baseados na região, e sobretudo, sem bairrismo, no Ceará.

O Ceará tem que assumir a liderança inconteste em deter o maior acervo de conhecimentos do semi-árido brasileiro. E libertar-se da tutela de valores oriundos de outros ecossistemas que, através dos séculos, dominaram o conhecimento nordestino, como o provindo da zona da mata.

À exceção de "Os Sertões", de Euclides da Cunha, e "O Quinze", da genial conterrânea Rachel de Queirós, que alcançaram projeções nacionais, quiçá internacional, as demais obras renomadas que tratam do Nordeste, de uma forma ou de outra, sofreram a influência da Zona da Mata.

Gilberto Freyre, José Américo, José Lins do Rego, e até Jorge Amado e Graciliano Ramos, este escrevendo "Vidas Secas", todos são produtos de uma ambiência onde a bandeira dos colmos túrgidos de sacarose, da gramínea senhora dos trópicos tremulava. Lá, pouco se falava do boi ou do algodão, a não ser como atividades complementares à opulência da açucocracia canavieira.

Senhor Presidente, senhores Sócios Efetivos, minhas senhoras, meus senhores,

Para mim, fecharam-se, definitivamente, as portas da SUDENE, mas abriram-se, para sempre, o acervo intelectual e o convívio amigo dos que fazem este Sodalício, graças ao gesto nobre daqueles que permitiram que eu desfrutasse deste clima de sapiência, de maturidade e, sobretudo, de amor ao saber. Para quem referencio-me.

Deixei, de propósito, o início do crepúsculo de minha fala para esse centro de excelência do saber cearense e do Brasil: o nosso Instituto do Ceará (Histórico, Geográfico e Antropológico). Se a responsabilidade das inteligências que povoaram este Instituto, no passado, para o progresso do Ceará e para o Brasil, foi gigantesca, hercúlea e desafiante é a dos que fazem o Instituto de hoje.

No Instituto do Ceará de 1887, do Presidente Paulino Nogueira Borges da Fonseca, a Província do Ceará contava com uma população diminuta de pessoas, enquanto que o Estado do Ceará, de 2002, tenta abrigar, segundo o censo de 1995, 6,9 milhões de pessoas, sendo, portanto, maiores seus problemas.

As conquistas tecnológicas, é verdade, amenizaram os desafios das secas para citar apenas o mais explícito e o mais antigo de nossos problemas físicos. Mas, em compensação, agudizaram-se as ansiedades humanas pelo efeito de demonstração dos veículos de comunicação de massa, sobretudo daqueles que vêem comida e não podem comer; casas e não podem morar; terra e não podem plantar; escolas e não podem estudar.

A renda concentrou-se mais; a solidariedade evadiu-se; as oportunidades diminuíram e o dualismo do fosso econômico social alargou-se. A exclusão social agigantou-se.

O papel deste Instituto é vital para o progresso do Estado pela dimensão do capital intangível representado pelo conhecimento humano que aqui é albergado. O Brasil conta com Institutos Históricos em todos os Estados da Federação, imbricados por objetivos comuns de guardiões da História, da Geografia, da Antropologia. Mas, as idiossincrasias dos espaços físicos de atuação de cada um devem torná-los diferentes nas singularidades de formas e interesse de ser e de agir, acredito eu.

Assim, *mutatis mutandis*, nem só o pragmatismo do fazedor, nem só o academicismo do pensador. Nabuco, sem deixar de ser um universalista, era um brasilista. E Alencar, sem deixar de ser um brasilista, era um universalista. Darwin foi buscar na análise comparativa das pequenas estruturas biológicas as bases da Teoria da Evolução. Morgan cresceu com o estudo das mutações, e deu fôlego à Genética, partindo do particular para o geral, como fez Darwin.

Levantar, analisar e interpretar, corretamente, essa infinita partícula do Universo, o Ceará, é o nosso desafio e o das gerações que nos sucederão. Contudo, maior não será se seguirmos as pegadas do gigante precursor da interpretação histórica que o Ceará presenteou ao Brasil, com o nascer de Capistrano de Abreu.

O Instituto é pluralista no seu conhecimento, podendo, portanto, contribuir ainda mais para a melhoria do nível de seus concidadãos, desde que interaja e potencialize mais com o seu meio circundante. Quem melhor para compreender nossas peculiaridades senão nós mesmos? O que não significa abominar o conhecimento gerado em outros ecossistemas do além-mar.

Novamente invocando Nabuco, repito: ele foi grande quando pensou, mas nem Patrocínio e nem João Cordeiro apequenaram-se quando realizaram. Celso Furtado, uma das maiores vocações intelectuais da América Latina, depois publicar mais de 40 livros, lidos no mundo inteiro, teve a grandeza e humildade de confessar de público, quando declarou, durante o recebimento da Medalha do Mérito Industrial da FIEC: *Eu fiz muito, mas não fiz o essencial que é enfrentar a miséria do campo.* E acrescentava na coletânea de depoimentos organizada por Gaudêncio e Formiga (1995): *Nós, intelectuais, que lidamos com idéias, não desconhecemos a importância da ação. Não fui outra coisa na vida senão um intelectual, mas sempre consciente de que os problemas maiores da sociedade exigem um compromisso com a ação. Nós, intelectuais, agimos porque temos um projeto que nos obriga a explicitar nossos propósitos últimos. Fora disso, estaremos cometendo uma traição a nós mesmos, pois teremos negado a função social que nos cabe desempenhar (pag, 39).*

No rastro desse raciocínio, o nosso Decano, Martins Filho, foi Doutor quando pensou, mas foi Magnífico quando criou.

Antes de encerrar a explicitação dessas idéias e pensamentos, quero agradecer de público o incentivo, o estímulo, que recebi desse abnegado, incansável rastreador de genealogias - Francisco Fernando Saraiva Câmara, que ao lado da expressão maior desse campo, no Ceará – Vinicius Antonius Holanda de Barros Leal, assim como os demais sócios efetivos, que enobrecem este Instituto.

Por fim, quero agradecer aos insignes sócios efetivos que propuseram o meu nome à consideração do plenário deste Instituto: Caio Lóssio Botelho, Pedro Sisnando Leite e Aroldo Mota.

De Aroldo Mota, veterano colega do velho Liceu, posso dizer que além de um dos maiores causídicos e historiadores que o Ceará nos presenteou, nos últimos tempos, é um universalista no campo do conhecimento. E Pedro Sisnando Leite, já o conheci como apóstolo do desenvolvimento. Quantas vezes nos debruçamos, ele no Banco do Nordeste do Brasil e eu na então Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste, - SUDENE - de saudosa memória, pugnando pelas mesmas causas.

Ao renomado e amigo dr. Caio Lóssio Botelho, que me honrou com esta magnifica e bela peça de erudição, quero explicitar a Vossa Excelência, senhor professor, que, ao reler "Os Sertões" e sentir a angústia de Euclides da Cunha por ter tido Frederico von Martius pouco contato com a caatinga, que tanto clamava por ser conhecida, em face do interesse do cientista pelo aerólito Bendegó, velho conhecido das academias européias e que tanto o enfeitiçava, disse, textualmente, Euclides, referindo-se ao sábio: *Os que o antecederam e sucederam palmilharam, ferrotoados da canícula, as mesmas trilhas rápidas, de quem foge. De sorte que sempre evitado, aquele sertão, até hoje desconhecido, ainda o será por muito tempo.*

Então, digo eu, por mais gênio que fosse Euclides da Cunha, ele jamais imaginou que desses mesmos sertões que ele tão bem descreveu, surgiria alguém de tanto talento, que, não só veio para ficar, como para colocar mais uns tijolos em sua obra. Refiro-me ao cientista patrício Caio Lóssio Botelho.

Então cá estando eu, neste Instituto, encontro feições conhecidas como a do nobre General de Exército Tácito Theófilo Gaspar de Oliveira, honrado ex-Superintendente da SUDENE, ou a do amigo Eduardo Campos, o maior memorialista do Ceará de todos os tempos.

Ao contemplar o auditório, emudecido para paciente e gentilmente me ouvir, nesta noite juliana de 2002, foco o olhar, primeiro, em minha mãe, meus irmãos e, depois, em minha mulher

Heloísa, filhos, filhas, genros, noras, netos e netas, amigos e amigas. E então percebo que os gens de Heloísa e de meus filhos e netos desfrutam de uma certa familiaridade do aconchego da sapiência deste Sodalício, pois, aqui, conviveram seu avô e bisavô, o professor Dias da Rocha, o primo Virgílio Távora, que também era Caracas, no passado; e, no presente, outro primo, este extraordinário biógrafo que já nos presenteou com tantas obras de vultos cearenses de projeção nacional. Refiro-me a Marcelo Caracas Linhares.

Então, felizes são meus filhos, netos e gerações futuras, que com este emblemático ato de minha posse, aumentarão a densidade de sua carga genética a povoar este casarão.

Por fim, como católico que sou, volto-me ao Criador, rogo aos céus, suplico a Deus que continue a me dotar de discernimento, de inteligência e de caráter para que eu possa sempre honrar meu País, meu Estado, minha família, meu Instituto Histórico e a cadeira que um dia pertenceu ao Mestre Francisco Alves de Andrade e Castro.

TENHO DITO.